

## Os jardins de Glaziou para a Quinta da Boa Vista, Rio de Janeiro / RJ

**JEANNE ALMEIDA DA TRINDADE\***

**Resumo:** O projeto dos jardins da Quinta da Boa Vista foi apresentado ao Imperador D. Pedro II por Auguste François-Marie Glaziou em 1868 e as obras, efetivamente, iniciadas em 1872. Construídos para o deleite não só da família imperial, seus convidados e das pessoas que moravam no interior da propriedade, o acesso era aberto à população em geral aos domingos, talvez, numa tentativa de acalmar os ânimos revolucionários do povo, tal qual acontecera na Inglaterra nos séculos anteriores. Inspirado nos jardins paisagísticos franceses, aliado aos conhecimentos das matas nacionais, o projeto executado por Glaziou para a Quinta da Boa Vista produz grande impacto nos frequentadores devido aos contrastes proporcionados. A utilização maciça de vegetação arbórea — principalmente em suas extremidades — produz um distanciamento visual da cidade que pode promover uma evasão tanto da situação geográfica como de seus problemas, gerando uma sensação de conforto e bem-estar, característica de vários parques da época.

**Palavras-chave:** Jardins Imperiais; Dom Pedro II; Século XIX; Romantismo.

**Abstract:** The project of the gardens of Quinta da Boa Vista was presented to Emperor Pedro II by Auguste François-Marie Glaziou in 1868 but its construction effectively began in 1872. Built for pleasure of the imperial family, its guests and people who lived at the property, the gardens were open to the general public on Sundays, perhaps to calm the population's revolutionary ideas, as it happened in England in earlier centuries. Inspired by the French landscape gardens as well as Glaziou's knowledge on the Brazilian native forest, the project produced great impact on people. The massive use of trees, particularly on the edges of the park, produced the idea of visual distance to the city in order to promote a physical and emotional escape, a sense of comfort and well-being, typical of many nineteenth-century parks.

**Key words:** Imperial gardens; Emperor Pedro II; nineteenth century; romanticism.



\* **JEANNE ALMEIDA DA TRINDADE** é Arquiteta-urbanista, especialista em Planejamento Ambiental e Paisagístico, mestre em Arquitetura, doutora em Urbanismo. Arquiteta da Prefeitura da Cidade do Rio de Janeiro e professora da Universidade Estácio de Sá. Atua na área de paisagismo, urbanismo e preservação de bens culturais.

### **O encontro de D. Pedro II com Auguste Glaziou**

A necessidade da criação de jardins públicos nas principais cidades brasileiras no século XIX para resolver as questões de salubridade e ausência de espaços livres públicos destinados ao ócio, fez com que o Ministério do Império começasse a se preocupar com a construção desses espaços no Rio de Janeiro a partir segunda metade dos oitocentos. Dificuldades com a conservação e a má utilização pela população são problemas descritos desde essa época, e uma das formas de combater essa situação era arrendar os jardins públicos para comerciantes que desejassem instalar pontos de comidas e bebidas no interior desses espaços. Em contrapartida, os responsáveis pelos estabelecimentos se comprometiam com a conservação e a segurança dos jardins.

Em 1860, o deputado Francisco José Fialho apresentou para a municipalidade do Rio de Janeiro uma proposta para a conservação e “exploração” do Passeio Público pelo período de dez anos, onde estava incluída a reforma geral do local. O Passeio Público – construído ao final do século XVIII e um dos primeiros espaços livres públicos vegetados do Brasil destinado ao convívio social da população – solicitava uma maior atenção no que diz respeito a sua manutenção (SEGAWA, 1996). Para a execução desse feito, o deputado Fialho se associou a Auguste François-Marie Glaziou e o tornou o profissional responsável pelo desenvolvimento do projeto, devido suas referências como horticultor (MÉRIAN, 2009).

François-Marie Glaziou nasceu em 30 de agosto de 1828, na cidade de Lannion, Bretanha/França. Aos 16 anos deixou a casa dos pais e trabalhou em diversas cidades francesas até se estabelecer na cidade de Bordeaux,

talvez no ano de 1854, casando-se com Marie Cheminau em 1856 (BÉRIAC, 2009; BUREAU, 1908). A cidade nessa época é palco de um plano de revitalização aprovado em 1853 sob a tutela do barão de Haussmann & Adolphe Alphand e Bériac (2009) comenta: “Esse programa comporta uma seção inteira relativa a parques e jardins, incluindo, em especial, a repaginação do Jardim Público” (BÉRIAC, 2009. p. 27). Em agosto de 1858, Glaziou solicitou seu passaporte informando sua profissão como tanoeiro – artesão que faz ou conserta barris – e agricultor, e acrescenta o prenome Auguste, provavelmente, em homenagem ao botânico Auguste Saint-Hilaire, grande pesquisador da flora brasileira (BÉRIAC, 2009). Poucos são os relatos sobre os motivos de sua vinda para o Brasil em 1858, o que sugere uma viagem em busca de oportunidades uma vez que não possuía muitos recursos e, nos primeiros anos de estadia no nosso país, trabalhou em ofícios diversos (BUREAU, 1908). A partir da reforma do Passeio Público, Glaziou adquire a confiança do Imperador Pedro II e inicia um período com diversas obras paisagísticas no Rio de Janeiro durante a segunda metade dos oitocentos.

### **A residência de D. Pedro II e o projeto de Glaziou para os jardins da Quinta da Boa Vista**

O projeto de ordenamento dos jardins da Quinta da Boa Vista foi apresentado ao Imperador D. Pedro II por Auguste François-Marie Glaziou em 1868 e as obras, efetivamente, iniciadas em 1872. Em dezembro do mesmo ano, Glaziou envia carta a D. Pedro II relacionando os gastos necessários para implantação do projeto com algumas condições para que ele pudesse se responsabilizar pela

execução do mesmo, entre elas a de ser nomeado Diretor ou Intendente dos parques e jardins particulares de Sua Majestade. A nomeação foi efetivada em 26 de janeiro de 1869, para o cargo de Diretor de Parques e Jardins da Casa Imperial, a partir do Decreto 600 com o ordenado mensal de 250\$000 (TERRA,1993).

No Museu Nacional, no Rio de Janeiro, encontramos um projeto para os jardins da Quinta da Boa Vista atribuído a Glaziou. Nele é possível perceber com clareza a edificação que hoje abriga o Museu Nacional, a alameda das sapucaias e os trilhos da ferrovia com uma composição soltando fumaça. O desenho é feito essencialmente com

linhas curvas e formas orgânicas, exceto pela aleia principal, dois retângulos ao lado da edificação e um na sua parte traseira sugerindo um jardim clássico com duplo eixo de simetria. O retângulo próximo a fachada norte da edificação, devido ao espaçamento constante e alinhado entre as árvores, indica a possibilidade de um horto para reposição de espécies arbóreas ou um pomar e o retângulo próximo a fachada sul da edificação, segundo Ferreira (2002), seria um grande lago anteriormente existente onde o jovem D. Pedro I “[...] se exercitava, passando algumas horas de lazer remando um pequeno bote que ficava ali a sua disposição”.



Figura 1: Projeto para os jardins da Quinta da Boa Vista atribuído a Glaziou. FONTE: Museu Nacional

Quanto à alameda das sapucaias<sup>1</sup>, a literatura indica que esse foi um ponto de discórdia entre Glaziou e o Imperador D. Pedro II durante a execução do projeto. O Imperador solicitava uma aléia retilínea para a ligação entre a entrada principal dos jardins e o palácio – talvez em alusão as perspectivas infinitas tão presentes nos jardins barrocos, especialmente em Versalles – e Glaziou, mais interessado em conceber seus jardins com diferentes pontos de vistas como era característico dos jardins de sua época, relutava em atender ao Imperador. Foi preciso a intervenção da Imperatriz para o impasse ser resolvido, conforme relata Bureau, primeiro biógrafo de Glaziou:

No entanto, Glaziou teve divergências de opinião sobre o parque da Quinta com o Imperador, que o tratava cordialmente. O Imperador desejava uma aléia reta conduzindo ao palácio. Glaziou se obstinava por uma aléia sinuosa, que estaria de acordo com o estilo do jardim, sendo a aléia retilínea, segundo ele, um nonsense horrível. “Serei ainda mais bretão que o senhor, Sr. Glaziou”, dizia o Imperador, com lisura e amável cortesia que lhe eram naturais. Nessa discussão interminável entre os dois homens foi uma mulher que triunfou – a Imperatriz: “O Imperador, disse ela um dia a Glaziou, é o único homem que sempre faz a vontade dos outros: permita-lhe bem o senhor fazer por uma vez a sua.” “Majestade, disse Glaziou, será feito”. E a Quinta tem apenas uma aléia retilínea. (BUREAU, 2011. p. 24-25)



Figura 2: Alameda das Sapucaias, tendo o Museu Nacional ao fundo. FONTE: foto da autora em outubro de 2012

<sup>1</sup> Sapucaia (*Lecythis pisonis*), árvore brasileira com dispersão natural entre os estados do Ceará até o Rio de Janeiro na floresta pluvial atlântica, com altura de 20 a 30 metros. Floresce a partir de setembro junto com o surgimento de novas folhas de cor rosa ou lilás, que faz com que toda sua copa adquira uma bela coloração lilás. (LORENZI, 1992).

Observando os estudos para o projeto existentes no Muséum National d'Histoire Naturelle em Paris, verificamos que Glaziou esboçou algumas soluções para a inclusão dessa alameda. A primeira versão do projeto não continha a alameda das sapucaias, e os dois lagos interligados possuíam grandes dimensões. Notamos um número maior

de curvas e formas orgânicas nessa proposta. Na segunda versão, já com a alameda, Glaziou experimenta a utilização de formas retangulares em alguns canteiros, com árvores alinhadas, como também podemos verificar uma redução no tamanho dos lagos. Na versão considerada definitiva, percebe-se uma união entre os dois estudos.



Figura 3: Planta para o parque imperial (versão 1). Fonte: Muséum National d'Histoire Naturelle / Paris.



Figura 4: Planta para o parque imperial (versão 2). Fonte: Museu Nacional d’Histoire Naturelle / Paris.

Analisando a documentação emitida pelo Mordomo da Casa Imperial percebemos que a construção desse jardim foi feita em diversas etapas, persistindo até o ano da proclamação da República, 1889, quando é confiada a Glaziou – em viagem ao velho continente a partir de 1º de abril – a tarefa de comprar na “[...] Europa novas grades e o portão, destinados à entrada principal da Quinta da Boa Vista. (TERRA, 1993, p.75)”. Contudo, é

possível encontrar no interior da Quinta da Boa Vista, na passagem fluvial que faz a ligação entre os dois lagos projetados, uma placa contendo uma coroa em relevo, as inscrições P.II com as datas 1868-1876; o que sugere a identificação do período das obras de remodelamento feitas por Auguste Glaziou por ordem de D. Pedro II.

Entre o que foi projetado e o que de fato executado, existe uma grande diferença. Na carta cadastral do Rio de Janeiro

datada de 1 de outubro de 1895, na prancha onde está localizada a Quinta da Boa Vista verificamos a representação dos dois lagos existentes nas laterais da alameda das sapucaias, bem como o Rio Joana retificado e os córregos próximos a Rua Duque de

Saxe, atual Rua General Herculano Gomes. Entretanto o grande lago no canal do Rio Joana e os pequenos canais retificados entre a Rua Oitava e o Largo da Quinta não existem na conformação atual do parque.

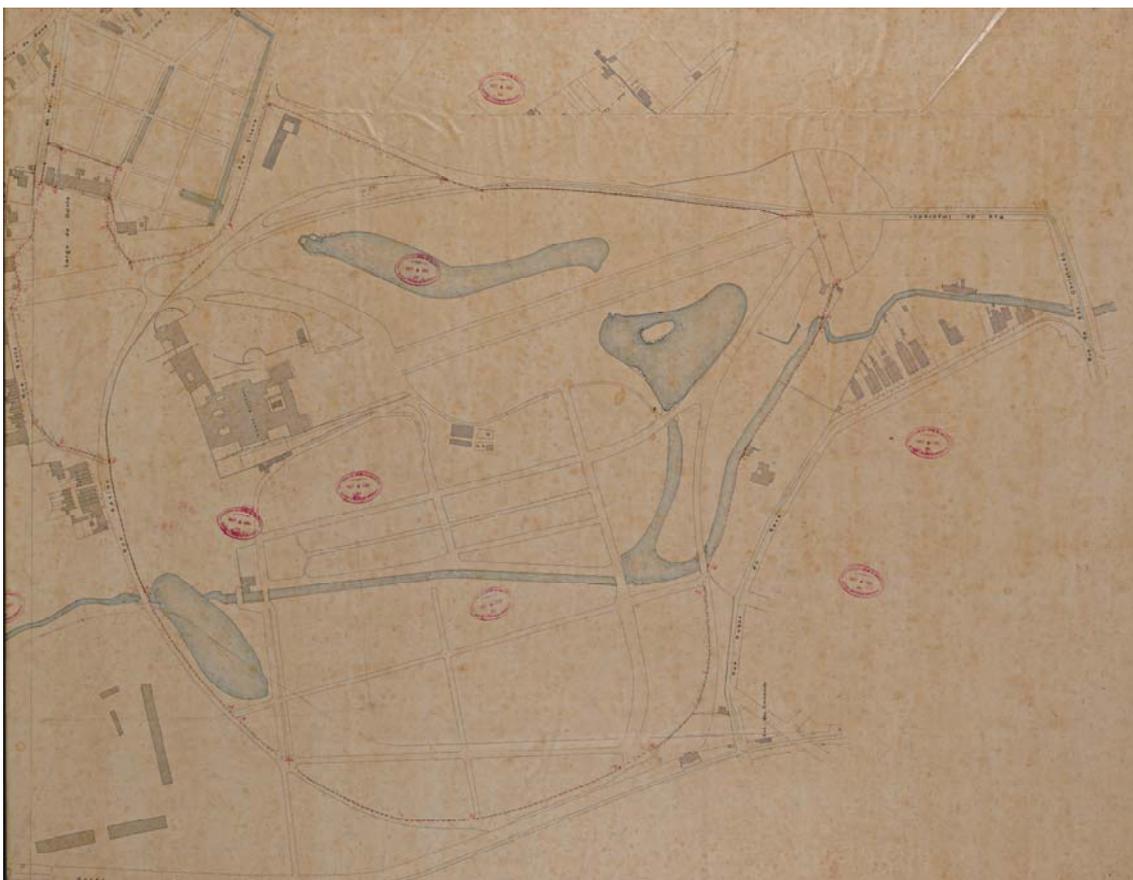


Figura 5: Carta cadastral do Rio de Janeiro de 1 de outubro de 1895 (parte). Fonte: Arquivo Nacional

Ferreira (2002) sugere que estes canais seriam o Riacho Pedregulho que auxiliaria, a partir da gruta artificial proposta por Glaziou, na contribuição das águas formadoras dos lagos criados no projeto. Na investigação atual não encontramos vestígios desses canais,

diferentemente do grande lago do canal do Rio Joana, onde podemos observar uma série de pedras artificiais que, provavelmente, formavam um conjunto escultórico que pode ser observado nessa mesma planta.



Figura 6: Elementos em *rocailles* imitando pedras e troncos. Fonte: Foto da autora em janeiro de 2012

A técnica da utilização de materiais inertes imitando elementos naturais como pedras, troncos falsos, grutas e cascatas estava muito presente nos jardins paisagísticos europeus dos séculos XVIII e XIX. Glaziou também utilizou desse artifício nos jardins da Quinta da Boa Vista com a intenção de recriar uma natureza idealizada para desfrute do Imperador, sua família e seus convidados. A gruta da Quinta da Boa Vista é formada por estalactites, estalagmites, pedras falsas e o seu exterior recoberto por vegetação, muitas vezes, cactos e agaves (segundo pode ser observado através de fotografias da época) e possui uma composição muito

semelhante as das grutas naturais. Em seu interior o visitante é convidado a passear por diversas “salas” da gruta e um dos lagos do parque, localizado ao norte, surge de seu espaço central bordejando o salão principal. Devido aos contrastes de luz e sombra, áreas planas com áreas acidentadas e uma atmosfera mítica, a gruta da Quinta da Boa Vista traduz o sentimento perseguido pelos paisagistas românticos que, segundo Fariello (2008, p.231), buscam emoção: “O aspecto geral do jardim deve resultar selvagem e melancólico e estar carregado de efeitos pitorescos”.



Figura 7: Gruta artificial. Fonte: Foto da autora em fevereiro de 2012

Os jardins da segunda metade do século XIX, tanto na Europa como no Brasil, tem por característica o uso expressivo de flora exótica, incentivado pelas descobertas científicas dos usos e possibilidades de cada vegetação. Quanto mais rara, de difícil obtenção ou cultivo, mais especial será o jardim e, portanto sua utilização maior *status* conferirá ao seu proprietário, projetista ou jardineiro (TERRA, 1993). As viagens de naturalistas em busca de novas espécies vegetais serão constantes nos oitocentos e, a literatura cita Glaziou como exímio pesquisador de plantas brasileiras através das excursões que fazia no interior de nossas matas. Hetzel informa que “Glaziou coletou nada menos do que 12 mil espécies de plantas em terras brasileiras. (HETZEL, 2011. p. 41)”. Os conhecimentos botânicos de Glaziou foram adquiridos

por conta de sua tenacidade e interesse no assunto. Ainda em Bordeaux, teve a oportunidade de trabalhar junto com Durieu Maisonneuve — autor do projeto do Jardim Botânico — que transmitiu seus ensinamentos sobre aclimação de espécies vegetais em outras latitudes. Também no Brasil continuou sua busca pelo conhecimento, onde fez amizade com Ladislau Netto — pesquisador do Museu Nacional — que o apoiou em suas pesquisas, leituras e intercâmbio de informações. Trabalhou voluntariamente durante três décadas na pesquisa de espécies nacionais, distribuindo suas exsicatas<sup>2</sup>

<sup>2</sup> Exsicatas: fragmentos ou exemplares vegetais dessecados e geralmente prensados, acompanhados de etiquetas nas quais constam informações diversas sobre os espécimes, como o nome da espécie, local e data da coleta, nome do coletor etc. (HETZEL, 2011. p. 41).

em diversos herbários de vários países. (HETZEL, 2011; MÉRIAN, 2009)

Esse olhar cuidadoso para com a vegetação está refletido no elenco de espécies – tanto exóticas como nativas – que utilizava em seus projetos. Glaziou “[...] introduzia e valorizava diversas espécies nativas ainda pouco conhecidas entre nosso público como também incluía várias “jóias” da botânica internacional [...] (HETZEL, 2011. p.

43)”. Esse esmero pode ser observado nos projetos do Passeio Público, Campo de Santana e Quinta da Boa Vista onde, nesse último, observamos grupos das exóticas *Ficus microcarpa* (figueira-lacerdinha) e *Sterculea foetida* (chichá-fedorento) convivendo harmoniosamente com as brasileiras *Lecythis pisonis* (sapucaia) e *Licania tomentosa* (oiti).



Figura 8: Bosque de figueiras (*Ficus microcarpa*) na Quinta da Boa Vista. Fonte: Foto da autora em janeiro de 2012

Os jardins da Quinta da Boa Vista faziam a alegria não só da família imperial, seus convidados e das pessoas que moravam no interior da propriedade. Aos domingos, o acesso era aberto à população em geral (SCHWARCZ, 1998), talvez, numa tentativa de acalmar os ânimos revolucionários do povo, tal qual acontecera na Inglaterra nos séculos anteriores. Inspirado nos jardins paisagísticos franceses, aliado aos conhecimentos das matas nacionais, o

projeto executado por Glaziou para a Quinta da Boa Vista produz grande impacto nos frequentadores devido aos contrastes proporcionados. A utilização maciça de vegetação arbórea — principalmente em suas extremidades — produz um distanciamento visual da cidade que pode promover uma evasão tanto da situação geográfica como de seus problemas, gerando uma sensação de conforto e bem-estar, característica esta presente em vários parques da época.



Figura 9: Recanto arborizado da Quinta da Boa Vista. Fonte: Foto da autora em janeiro de 2012

Os terrenos modelados com aclives e declives, as árvores ora dispostas isoladas ora em grupamentos em forma de bosque e, os caminhos orgânicos e serpenteados com diferentes pontos de vista e inúmeras surpresas, proporcionam ao passeante o devaneio e a divagação tão presentes no pensamento romântico, aliado as sensações de conforto térmico proporcionadas pelo piso em saibro (original do projeto), abundância de elementos vegetais e presença marcante da água, ora em repouso, ora em

movimento através da cascata existente na gruta. A criação de jardins com características românticas, tão fortemente influenciada por seus congêneres ingleses e franceses construídos na segunda metade do século XIX, insere a cidade do Rio de Janeiro no contexto das realizações paisagísticas dos oitocentos, ainda que essa apropriação tenha se dado mais fortemente pela forma do que pelo conteúdo inserido nos projetos parques europeus.



Figura 10: Taludes e lago artificial. Fonte: Foto da autora em fevereiro de 2012

Na planta da Quinta da Boa Vista conservada no Arquivo Nacional, que possui carimbos datados de 8 de setembro de 1924, observamos a presença do portão monumental em frente ao Palácio de São Cristóvão e a ausência do terraço-jardim construído em frente ao museu em 1910. O portão monumental foi desmontado durante a construção do terraço-jardim e instalado na área que pertenceria ao jardim zoológico para a demarcação frontal entre os limites da Quinta da Boa Vista e o Zoo. Da mesma forma, a anotação “Congresso” na edificação principal, sugere ser uma planta de cerca de 1890, pois foi nessa data que o antigo Palácio Imperial foi adaptado para receber a reunião do Congresso Constituinte. Assim sendo, esta planta poderia ser o

levantamento cadastral do projeto executado por Auguste Glaziou, por solicitação do Imperador D. Pedro II, indicando algumas hipóteses que poderão ser comprovadas em futuras pesquisas: por questões de economia, por necessidade de adaptar o projeto elaborado à situação existente ou até mesmo por influência do Imperador, o traçado dos jardins da Quinta da Boa Vista reúne canteiros geométricos e orgânicos, árvores alinhadas e árvores plantadas em forma de bosque, caminhos antigos em coexistência a caminhos novos projetados; apontando para uma direção formal paisagística alinhada com os jardins europeus do final do século XIX e início do século XX.



Figura 11: Planta da Quinta da Boa Vista. Fonte: Acervo Arquivo Nacional

### Referências

- BUREAU, Édouard. Nota histórica sobre F.-M. Glaziou. In: HETZEL, Bia; NEGREIROS, Sílvia (orgs.). **Glaziou e as raízes do paisagismo no Brasil**. Rio de Janeiro: Manati, 2011. p. 20-29.
- FARIELLO, Francesco. **La arquitectura de los jardines: de la Antigüedad del siglo XX**. Barcelona: Reverté, 2008. (Edição original: *Architettura dei giardini*. Roma: Edizioni dell'Ateneo, 1967).
- FERREIRA, João Carlos. **Transformações na arquitetura e na paisagem do palácio de São Cristóvão e da Quinta da Boa Vista**. Dissertação (Mestrado em Ciências da Arquitetura) – Programa de Pós-graduação em Arquitetura (PROARQ), Faculdade de Arquitetura e Urbanismo da Universidade Federal do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, 2002.
- HETZEL, Bia. Toda a poesia da botânica. In: HETZEL, Bia e NEGREIROS, Sílvia. **Glaziou e as raízes do paisagismo no Brasil**. Rio de Janeiro: Manati, 2011.
- LORENZI, Harri. **Árvores brasileiras: manual de identificação e cultivo de plantas arbóreas nativas do Brasil**. Nova Odessa: Editora Plantarum, 1992.
- MÉRIAN, Jean-Yves. A atualidade de Auguste Glaziou. In: **Catálogo da exposição Glaziou e os jardins sinuosos**. Rio de Janeiro: Dantes Editora, 2009. p. 11-19.
- SEGAWA, Hugo. **Ao amor do público: jardins no Brasil**. São Paulo: Studio Nobel: FAPESP, 1996.
- SCHWARCZ, Lília Moritz. **As barbas do imperador**. São Paulo: Companhia das Letras, 1998.

TERRA, Carlos Gonçalves. **Os jardins no Brasil do século XIX: Glaziou revisitado.** Rio de Janeiro: UFRJ, EBA, 1993.

TRINDADE, Jeanne Almeida da. **Campo de Santana:** um patrimônio cultural carioca. Dissertação (Mestrado em Ciências da Arquitetura) – Programa de Pós-graduação em Arquitetura (PROARQ). Área de concentração:

História e Preservação do patrimônio cultural, Faculdade de Arquitetura e Urbanismo da Universidade Federal do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, 2000.

Recebido em 2014-05-03  
Publicado em 2014-05-11